

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1217	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$500	1\$900	645	120	<b>20 de Outubro de 1912</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	3\$000	1\$500	645	120		



TIPOS PORTUGUÊSES DO NORTE — MULHER DE GRIJÓ

(Cliché de Emilio Biel)

## CRONICA OCCIDENTAL

Em face da realidade prática, torna-se um lugar-commum de ironia — ironia de quem segue por portas dissimuladas até á despenha copiosa dos proveitos, ironia de impulsivo, ironia de supremo desdenhoso — a preconização diplomática da paz, esperança de compensação no Futuro, crença de felicidade em Deus. Os munnis — primitivos sacerdotes, selváticos e austeros, d'um enternecido ideal de Além-Mundo — intrigam, esmordem-se guerreiam-se para seu maior aprazimento e gloria dos seus deuses pacíficos e intangivelmente serenos.

Os videntes sociais, para mais energica consignação dos seus ideais de paz e fraternidade, desenhavam, no espaço tumultuario, gestos sangrentos de revellia. E os diplomatas, finos e astutos, insinuam por sorrisos dubios de amizade e palavras de transcendente ternura, o respeito que impõe o incontestavel direito da Força. Isto corre na logica dos acontecimentos e só deve boquiabrir de espanto quem segue nas rétas estradas da vida, incurioso e divinamente ingenuo. Todos mentem!

E quem sacrifica ao sofrimento da Duvida — que é um contravenimento do raciocínio — sabe bem que a mentira é a unica moeda de valia nas transacções da vida social. O raciocínio é substancialmente mentiroso. O raciocínio é a logica das palavras. O raciocínio véla espessamente o instinto e a natureza. O raciocínio é o homem acrescentando-se ás coisas e á vida. E assim a mentira predomina, por todos os motivos, de todos os tempos, em toda a parte.

A mentira é a ironia que ascende da propria natureza ao espirito, em cingente sedução.

A mentira tem sempre mais força que a verdade; porquanto, a verdade nunca é senhora dominadora de si propria, não tem confiança plena em si propria, duvida sempre de si-propria numa obsessão exaustiva. A mentira, não. A mentira é uma negativa. Avarenta conserva sempre a confiança e posse plena das suas forças e faculdades. Assim, a mentira é necessaria e normal. Todos mentem! E não dou a esta afirmação a cor agressiva dum caso banal. Mente-se nos casos ordinarios da vida, por calculo, por insciencia. Mentem os deputados, mentem os diplomatas, mentem os teóricos e revolucionarios. De que nos poderemos, pois, espantar?...

Em França, quando se discutiu, acerbamente, acaloradamente, a abolição da pena capital, Alphonse Karr — esse espirito de barbara elegancia — soltou essa frase finamente incisiva de justiça: Sim! Eliminemos dos nossos codigos a pena de morte. «*Mais que messieurs les assassins commencent!*»

Nunca, como nestes ultimos anos, se tem falado e dissertado tanto sobre paz, solidariedade e fraternidade. Nas deliciosas conferencias internacionais de Haya, ergueram-se, em extase transcendente, olhares de visionações serenas, esboçaram-se gestos liturgicos de convicção, frases de meiguice ardente amaciaram as arestas dos tectos. Nos periodicos e livros videntes, evocam-se paesagens deslumbrantes com lindos efeitos de luz e chuvas milagrosas de maná substancioso; — ao luar, as sombras erguem-se da sua sonolencia magica para esgueirar-se dissimuladas nas danças krishnicas duma solidariedade universal. Depois?...

Mentira, tudo mentira. E nós que pomos as mãos ao altar sacrosanto da Duvida, sorrismos meigamente. Sorrir — é rezar.

Aquí e ali, perto ou longe, pólo a pólo, turvam-se os ares. Esumam-se, scintilam, apagam-se, relevam-se mais nitidamente, sombras de conflitos, traços rubros de revolta, punhos ameaçadores, gestos nervosos de protesto. E a Paz! Estribilho coceguento duma cançoneta patusca!

E a Paz?... *Requiescat in pace.*

E' em nome da Paz — que se arrojam ás gaiolas escuras do carcere, dia a dia, milhares desses bipedes sem plumas, que Platão caracterizou — só porque de onde a onde grassam agoiorentemente e ameaçam pôr de crepes o sol que tonifica e anima a intangível Ordem.

E' em nome da Paz, sonhada e antevisionada — que um anónimo endoidado se arremessa furiosamente sobre Mac-Kinley ou Roosevelt e os ameaça prostrar no abismo cavado por um punhal ou cano de uma pistola. E', sim. E' em nome dessa carinhosa Paz que não desperta emfim do seu tranqüilo sono multiseccular!

E' em nome da Paz — que a Italia em péso se atira sobre a Turquia, e a Turquia esmaga os Balkans e os Balkans se arrastam contra a Tur-

quia. Naturalissimo, no entanto — tudo isto. O estado natural da vida é a guerra. E o estado normal do espirito é a mentira. E assim desprende-se uma graciosa ironia da natureza das coisas e da vida.

Entretanto, que belo e tragico o cenario se debuxa, a fumo e sangue, nos céus das bandal levantinas! Num cerco cerrado, farrapos sombrios de nuvens, erguem-se, desmancham-se, alteiam-se, recuam, arremessam-se sobre um sol de fronte leonina e ardente que — não sabemos — como diria Hugo, se vai sacudir altivamente a juba victoriosa sobre o horizonte ou se vai repousar-a, cinza em cinza, no cinabrio do ocaso. A Turquia começa a alevantar-se para seu maior aprazimento e gloria de heroismo e simpatia. Anda a roê-la, devagar, devagar, numa interioridade profunda, o cancro da ideia nova, alimentada duma brisa fininha do occidente. Tem sobre si a molestia insinuantemente as agulhas gélidas da antipatia das potencias.

Refêz no coração forças herculeas para se defrontar de coragem indomavel com essa matreira e nem sempre feliz Italia.

Tem a importunidade os ladridos anciosos dos pequenos fraldiqueiros que tentam rasgar-a com unhas e dentes, dos seus *fronteiros nichos*.

E assim em volta da Turquia — parece! — vai enredando-se um fio subtil de antipatia que vagamente toma as dubias proporções duma intriga diplomatica.

Ai dos vencidos!

ANTONIO CLEBEIRA.

### Um atentado contra o ex-presidente Roosevelt

Telegramas do dia 15 deram noticia de um atentado contra Roosevelt.

O ex-presidente dos estados Unidos da America do norte fóra alvo de um tiro de pistola, cuja bala se lhe alojou no peito, não interessando, porém, os pulmões.

O agressor chama-se John Schrank, dono de um antigo café de New York, e seguia Roosevelt ha algumas semanas, aguardando a occasião de praticar o atentado, supondo se que seja um doido.



THEODORE ROOSEVELT

Entretanto parece não ser extranho a este acontecimento as proximas eleições á presidencia da Republica, em que mr. Roosevelt é um dos candidatos, e dada a grande luta eleitoral que está travada.

Em reforço deste juizo vem um telegrama do dia 16, que comunica ter mr. Woodrow Wilson, candidato democratico, declarado «nulos todos os discursos da campanha por êle encetada a favor da sua candidatura á presidencia da Republica, em razão do atentado contra mr. Roosevelt e da não participação de mr. Taft na luta travada para a presidencia».

O atentado contra o ex-presidente deu-se quando este se dirigia para um *meeting* onde era esperado e onde, apesar de ferido, falou durante

quarenta minutos, não lhe permitindo continuar o estado de fraquesa.

O medico particular de mr. Roosevelt, o dr. Terrel, declara que o estado do ex-presidente, não é grave, devendo conservar-se em repouso durante dez dias. Contudo os ultimos telegramas participam que mr. Roosevelt, deitado e encostado a almofadas, tem lido até hora adeantada da noite.

Até agora mais nada se sabe do seu estado.

Mr. Teodoro Roosevelt, succedeu, como vice-presidente eleito, ao presidente Mac-Kinley, que foi vitima de um atentado em setembro de 1901.

A sua popularidade nos Estados Unidos é grande e o seu nome muito respeitado na Europa.

### Tipos portugueses do norte

#### Mulher de Grijó

Grijó é povoação do Douro pertencente ao concelho de Vila Nova de Gaia e distrito do Porto. Está situada numa baixa, perto do Oceano, em terreno bastante acidentado, que a torna muito pitoresca, como pitorescos são os trajos dos seus habitantes, de que apresentamos a nossos leitores um belo tipo de mulher de Grijó, uma lavradeira, com o seu traje de dia de festa.

Saia de pano bem rodada, corpo de veludo com bandas e canhões enfeitados a tufo de seda que fóra também cinto. Canhões e gola guardados de renda. Sobre o côlo assentam lhe os corações e estrelas de filigrana de ouro que lhe pendem de grossos cordões do mesmo metal precioso, pendendo lhe também das orelhas compridos brincos de ouro, como cachos, que vêm confundir-se no aurefero colo reluzente que nem mostrador de ourivesaria.

Algumas destas mulheres trazem em cima de si um kilo e mais de ouro, que é todo o seu luxo e muitas vezes todos os seus haveres, pois nele convertem as suas economias feitas á custa de muitas privações.

E' um capital morto que ali têm e que só lhe aproveita quando absolutamente lhe faltem todos os recursos, não lhes servindo para acrescentarem seus bens, empregando essas economias em coisa que lhes renda.

Assim está parado de seculos o espirito de iniciativa daquela boa gente.

Mas continuando a descrever o belo tipo da mulher de Grijó, este se completa no seu traje com o elegante chapelinho ou gôrro todo enfeitado de flôres e frutos, que lhe corôa a fronte, assentando sobre o lenço de seda de côres vistosas que lhe envolve as tranças de cabelo que se espadanam pelas costas.

O traje é, sobre tudo, assaz pitoresco, e quando ele assenta numa mulher formosa como o tipo que a nossa gravura reproduz, mais sobressai ainda porque a belesa natural é o melhor complemento da *toilette* feminina.

As nossas provincias, especialmente do norte, abundam nestes pitorescos trajos, como em mulheres formosas e ao mesmo tempo de rebustez e vigor incomparavel, como não é facil encontrar por esse mundo fóra.

### Esborço d'uma obra de hygiene fisica e social

Setembro de 1912

#### A colonia infantil da estancia balnear do «Lagoal» (Caxias)

Surgiu, desenrolou se este ano, na sua quadra estival, num movimento mais amplo, do que anteriormente se dera, um e outro esborço d'uma obra de hygiene fisica e moral, sob varios aspectos mais interessante e ainda muito significativa em seus resultados, se a tempo, bem a sustentarem outras deliberações que a completem. Foi essa obra auspiciosa e bela na sua feição civica

Empenho-me, por isso, em regista-la nas paginas do OCCIDENTE. E' um grato dever que mo,

sugere, a que me chamam esses factos de mais alto ensinamento; dever que me fala ao coração e logo se prende ás graves questões que se debatem em torno do programma da educação nacional.

E' tambem uma homenagem, comtudo intemperata, aos promotores e colaboradores d'essa obra que eu considero esboço d'outra maior no quadro educativo da infancia.

Uma alta inspiração, que socialmente evolue, aconselhou-os a pactuarem singelamente uma aliança que redundasse em beneficio da humanidade e do desconforto da população infantil de Lisboa, d'aquelas idades em que para ela começa a educação pela Escola, que é pedra de toque para as funções do Estado.

Foi essa aliança que trouxe reunidas numerosas crianças que, em alegres bandos, animaram com a sua vivacidade as praias, ainda e sempre formosas do Tejo, n'uma e n'outra das suas margens. Ahi, em varios trechos mais ridentes e desafogados, esses bandos infantis desenharam o *escorço* d'aquella obra. Necessario é desenvolvê-la; muito importa aprimorá-la; pois que d'essa obra depende o rejuvenescimento da raça, e a formação dos attributos sociaes com que melhormente se fortaleça e mais brilhe no quadro da civilização; e aqui, no extremo occidente da Europa, ela reconheça a *forte gente*, d'uma nacionalidade historicamente grande.

Em varias estancias balneares se expandiu a garrulice d'esses bandos, entoando *cantos coraes*, que, se muito valem fisiologicamente, tambem interessam pela sua letra que deve ser cuidada e nobre.

Tonificou-se-lhes o organismo fisico, a essas tantas crianças, pela aspiração, a plenos pulmões, d'um ar mais puro, e deixando-se acariciar pelas aguas do formoso rio e ainda pelas do oceano que com elas se confundem, e logo na sua maior limpidez, umas; no seu remanso, outras e mais fortes, como é para dizer, breve tocando as questões de hygiene, no seu capitulo interessante á saude fisica.

Tam sendo contados, por esta obra social, os ultimos dias do estio de 1912; aproximava-se o equinocio do outono. Foi n'esta quadra, por todo o decurso do mês de setembro, e quando, neste rincão que herdámos, as alvoradas brilham com a suavidade do clima, lindas rompendo nestes trechos, na orla maritima de Portugal e onde o Tejo rumoreja brando, nas manhãs em que as suas aguas correm n'um rolo cantante sobre as praias; foi n'esta quadra que, n'uma d'essas estancias balneares — a do Lagoal, em Caxias — um dos bandos infantis, em que se dava o enlace co-educativo d'umas setenta crianças, de um e outro sexo, todas pobres e humildes, logrou o amavel beneficio de ahi aspirar haustos de saude. Eis, um dos aspectos do *bem*.

Nobre missão essa, que a si mesmo se impazeram especiaes dedicações pela causa da educação fisica e moral das crianças, no seu espirito despertando a evolução de melhores sentimentos, n'uns primordios de relações que o futuro consagrará no seu meio social mais perfeito em todos os seus attributos e, singularmente, na constituição mais sábia da familia, como base fundamental da energia e do progresso dos povos cultos e progressivos. Nobre missão esta, que a si mesmo se exorna no seu altruismo com os esmeros que a vem sustentando, e a todos cativa como obra que o coração inspira e melhor criterio social traz já agora encaminhada.

Emfim! Nem sempre os egoismos governam os actos.

Comquanto incipiente, a obra, que essa missão vem dando á nossa civilização, tem já maior eloquencia, nas suas vozes de incitamento que envolvem a grata promessa de se mostrarem, successivamente, mais interessantes e mais desenvolvidos os capitulos com que este tomo social se compõe e a sua lição se declara largamente eficaz nas suas applicações.

Acerca de nm d'elles, que corresponde ás «colonias escolares de ferias» — em estagio coletivo — acudiu, n'uma comparação, o seguinte conceito, traçado por uma penna superiormente doutra e socialmente mais nobre: — «A colonia de ferias é uma das arvores das mais vigorosas d'esta bela floresta que deve abrigar a nossa pobre humanidade contra os embates da sorte. Encontra a sua seiva no amor dos humildes, dos fracos, das crianças; e é assim que ela, essa colonia, pôde contribuir eficazmente para a aproximação das classes e para a paz social. Com ela e por ela, alcança a riqueza a sua melhor justificação, dando aos jovens rebentos humanos o raio de sol que aquece e vivifica estas pequenas plantas tão preciosas.»

A' formação das colonias escolares de ferias, com estagio na orla do Tejo, e umas exclusivamente maritimas, e, outras, maritimo-campestres, correspondeu, n'este ano, a das colonias infantis que benemerencias altas encaminharam, diariamente, de uns tantos domicilios humildes, situados na capital, para as estancias balneares com que, na proximidade da sua foz, o magestoso rio que banha Lisboa d'algum modo se enfeita e em certa maneira se opulenta, contrastando as suas voltas com a garridice das povoações, mais modernas, que d'elas se abeiraram.

A taes benemerencias se deve, em beneficio da população infantil, pobre e humilde, domiciliada na freguezia de S. Nicolau, a organização d'uma d'estas colonias balneares.

A estancia preferida, para essa colonia usufruir o beneficio dos banhos do mar, foi o Lagoal, trecho da orla do Tejo, visinho de Caxias.

Crianças, para as quais a sorte não sorriu no berço, lograram encontrar-se reunidas n'essa colonia pela missão que se impoz um grupo, cujas vontades e cujo civismo se enlaçaram com o eloquente lemma «*Juncção do Bem*». Constituiram esta aliança os srs. Joaquim José Nunes, Francisco Barreto, Arthur Moreira d'Oliveira, Antonio Julio do Nascimento e Faustino Figueira. Estreitou-se este generoso pacto em seus laços e excellentemente vingou com a maior dedicação que, desde as primeiras jornadas da colonia infantil e ininterruptamente, lhe consagram, D. Carlota Rodrigues Afra e seu marido José Afra que, no Lagoal, ofereciam ás crianças o seu proprio lar, n'uma caricia.



D. CARLOTA RODRIGUES AFRA  
E UM DE SEUS FILHOS

Foi, sob todos os pontos de vista que interessavam á boa organização da colonia, meticolosamente tratado o caso da inscrição das crianças. Foram elas oportunamente inspecionadas pelos clinicos, drs. Antonio de Jesus Lopes, Ezequiel Barbosa, Fernando Waddington, Santos Tavares, n'uma resolução de pura gentileza, e assim cooperando na obra que a *Juncção do Bem* se impuzera por servir uma grande causa. Só a não entendem os indiferentes nos seus movimentos bruscos.

Ascendeu a sessenta e nove, o numero de crianças com que, definitivamente, se constituiu a colonia balnear do Lagoal. Distribuiu-se esse numero por duas turmas, cada uma das quaes seguiu, diariamente e durante quinze dias, de Lisboa até áquella praia, aproveitando o transporte em caminho de ferro e tendo a direcção da Colonia obtido a redução de 50 % em relação á tarifa ordinaria.

Taes reduções, no caso sujeito, concebem-n'as as Companhias dos caminhos de ferro, em todos os paises. N'alguns, a concessão atinge 75 %. N'outros, como na Dinamarca e na Russia, as Companhias ferro-viarias favorecem as Colonias de ferias concedendo-lhes transporte gratuito. E' para notar esta resolução.

Com a colonia infantil do Lagoal dispendeu a

*Juncção do Bem* 300\$000 réis, incluindo a despesa com o transporte em caminho de ferro.

Suma significação tem as deliberações tomadas pelos directores d'esta obra de hygiene fisica e moral.

Fixou-as, n'umas tantas das suas linhas, com a sua luz especial, a fotografia que o OCCIDENTE reproduz nas suas paginas.

Ahi se vê a Colonia infantil do Lagoal, no seu interessante conjuncto, no dia em que para ella terminou a temporada dos banhos do mar.

Mas, o que essa fotografia apenas deixa entrever, são os mimos de bondade que, no Lagoal, encontraram as humildes crianças com que se formou essa Colonia.

Traço, aqui, a breve expressão d'esses mimos. Generosos donativos de diferentes casas commerciaes da freguezia de S. Nicolau concorreram para que a Colonia encontrasse no Lagoal todas as peças que o uso dos banhos do mar reclama. E, com estes donativos, ainda outros de vestuario que alindaram as crianças n'estas jornadas diarias, e taes donativos valendo ainda educativamente.

A dentro da barraca, expressamente feita para abrigar a Colonia, tudo se dispoz convenientemente para ser servida uma refeição ás crianças, depois do banho. Ofereceu-se-lhe leite com cacau, pão com manteiga e bolos. Com esta refeição regista-se mais um donativo: o do industrial Iniguez.

Gentilmente governou este trecho da obra meritória da *Juncção do Bem* uma senhora, D. Carlota Rodrigues Afra. Assim quiz esta senhora afirmar, n'um gesto da fina bondade do seu espirito, o que valem, em seus extremos, os affectos que, em seu lar feliz, são os de esposa dedicada e de mãe sempre carinhosa. Tal a generosa protecção com que velou a Colonia do Lagoal nos seus moneios infantis e no seu exito.

E eis que as proprias crianças beneficiadas não se esqueceram — no momento da partida — de a esse gesto prestarem a homenagem singela da sua gratidão. Vozes de saude pelo encanto que na estancia do Lagoal se oferecera ao seu bando que ia dispersar, tendo ganho, em haustos de saude, maior alegria, e com eles recebido, suavemente, uma lição moral que recordada será, pela vida em fóra, mesmo nas horas mais deliciosas que a fortuna concede ao seus eleitos!

Deixo, aqui, rendido o meu preito d'um caloroso aplauso aos promotores e colaboradores d'esta obra de hygiene social, fiando que o seu exemplo fructifique primorosamente e assim mais enflora, no seu progresso, o quadro demografico da nacionalidade portuguesa.

F. JULIO BORGES.  
(agronomo)

## Portugal Pitoresco

### Condeixa-a-Nova

Abundam por este belo país os lugares pitorescos, quer nos deleitamos docemente na observação de seus vales virentes de mimosa cultura e odoríferos pomares, quer contemplemos suas montanhas acidentadas por onde se erguem arvoredos de variadas especies, como se reunissem toda a flora da natureza.

Privilegiado país, que á vista oferece tão belos contrastes de dotes naturaes, que são encanto do espirito.

A vila de Condeixa-a-Nova, na provincia do Douro, é um desses lugares de Portugal onde a paisagem é mais linda em suas linhas e colorido, que compõe verdadeiros quadros, como o trecho que reproduzimos na gravura que ilustra este numero.

E' povoação antiquissima, sabendo se que constava de um casal, quando, no ano de 1500, el-rei D. Manuel all passou de viagem para S. Tiago de Compostela, e achando a terra bonita, lhe deu um foral de vila, e a denominou Condeixa-a-Nova, por existir proximo outra povoação com o mesmo nome de Condeixa.

Em a nova vila mandou D. Manuel construir um grande templo em substituição da igreja velha e pequena que all havia.

Condeixa-a-Nova foi uma das terras que mais sofreu com a invasão franceza.

Em 1811, as tropas de Massena saquearam a vila, destruindo em grande parte seus edificios dos quaes incendiaram para cima de quarenta

incluindo a igreja matriz. Escaparam a esta devastação o palacio do desembargador Manuel Pereira Ramos, o que foi muito notado pelo povo. Este palacio é o que hoje pertence á familia Lemos Ramalho, de Condeixa.

A vila, situada na encosta de um monte e servida pela estrada de Coimbra a Leiria, em terreno muito fértil, tem todas as condições de prosperidade como de facto se tem desenvolvido, possuindo hoje belos edificios, que constituem magnificas vivendas com seus parques, residencia de familias opulentas.

Entre as curiosidades geologicas que Condeixa-a-Nova possui, tornam-se notaveis tres grutas, *Lapinha*, *Gruta Nova* e *Eira Pedrinha*. A *Lapinha* é muito espacosa e apresenta o aspecto de um proscenio de teatro, do alto do qual se despenha uma cascata. É aberta a grande altura numa rocha revestida de verdes musgos e mais plantas de belo efeito pitoresco. Na *Gruta Nova* só se póde entrar por escada volante; é de fórma hemisferica e nela se admiram lindas stalactites e stalagmites. A *Eira da Pedrinha* é a mais notavel sob o ponto de vista geologico e paleontológico,

sendo uma das curiosidades que oferece o terem-se ali encontrado perfeitamente adherentes á rocha ossos humanos petrificados.

Destas grutas se occupa o *Santuário Mariano*, de fr. Agostinho de Santa Maria, e o dr. Antonio Augusto da Costa Simões, no vol. II do *Instituto*, a pag. 43.

A principal industria que alimenta o comercio

bemos que o distinctissimo artista vinha despedirse, pois partia no *Avon* para o Brasil.

Ora, nestes tempos que vão correndo, este debandar de portuguezes para fóra da sua patria, não póde passar indifferente a nosso espirito, tanto mais quando esses portuguezes são homens de incontestavel valor, como Fernandes Caldas, um consagrado artista cujo merecimento das suas

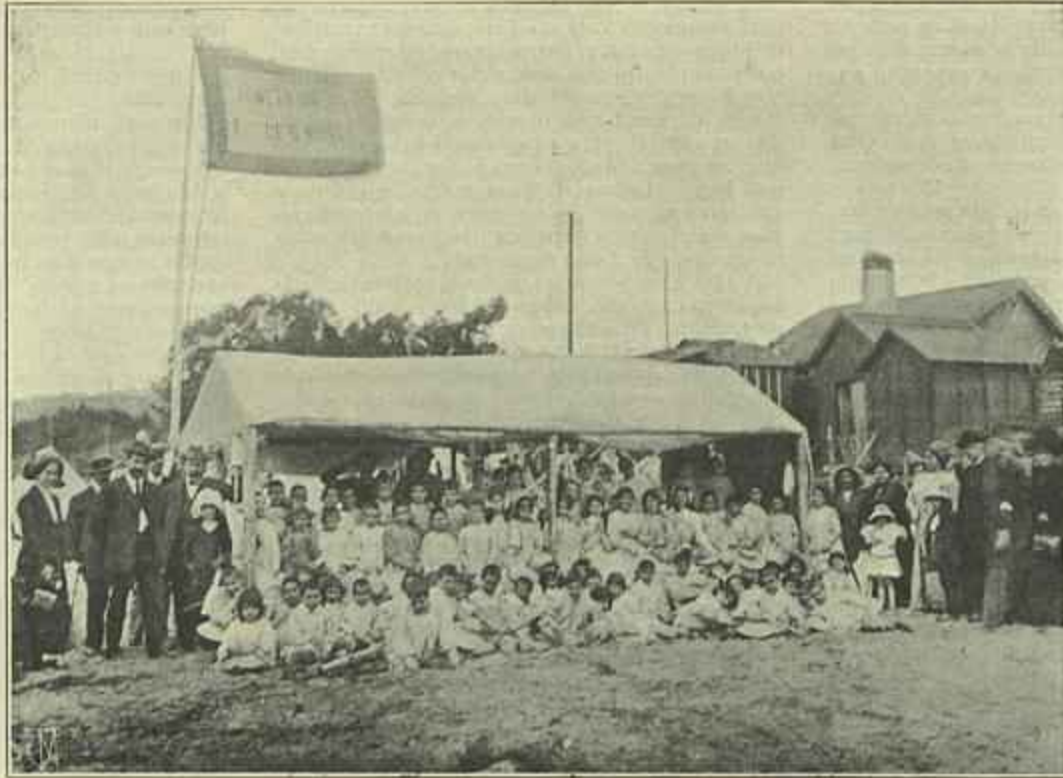
desta linda vila, é a da extracção das suas pedreiras, que fornecem cantarias e mós para moinhos, que até exporta para Espanha, possuindo muitos fornos de cal, tijolo e telha. Exporta tambem grande quantidade de madeiras, cereaes, vinhos e azeite.

Éis a principal razão de sua prosperidade.



### Duas esculpturas de Fernandes Caldas

Foi-nos agradável surpresa a visita, que ha dias recebemos em nosso escritorio, do primoroso esculptor sr. Fernandes Caldas, de Vila Nova de Gaia. Essa agradável surpresa, porém, depressa se mudou em magua, quando sou-



NO LAGOAL (CAXIAS) — A COLONIA INFANTIL DA ESTANCIA BALNEAR



PORTUGAL PITORESCO — CONDEIXA-A-NOVA, SANGARDÃO, PROXIMO DE ARRIFANA

(Fotografia do sr. de S. de Sousa, cliché da «Mala da Europa»)

obras não é inferior aos primores do seu honrado caracter de homem.

— Então tambem vae para o Brasil? lhe dissemos com tristeza.

— Sim, vou, mas nas melhores condições. Vou com trabalho garantido.

Isto aliviou nos um pouco da primeira impressão, e elle continuou:

— Parto amanhã no Avon para o Rio de Janeiro e dali sigo para S. Paulo onde se vae construir uma nova catedral em substituição da velha. O novo edificio é uma construção suntuosa, que está orçada em onze mil contos francos.

Vou coadjuvar os trabalhos de architectura, na parte ornamental decorativa a meu cargo, de modelar os ornatos, o que constitue um trabalho importante, além de outros que espero me serão confiados, na grande cidade de um dos mais prosperos Estados do Brasil.

Por fim folgámos com a novidade, vendo que assim era aproveitado o alto merecimento do artista, seguro de que ele vae honrar Portugal, naquella segunda patria dos portuguezes, que é ao mesmo tempo gloria de todos nós.

Com a excessiva amabilidade que distingue Fernandes Caldas, elle não quiz partir sem despedir-se deste seu velho amigo e de nos deixar a lembrança querida do seu retrato e a fotografia de duas belas esculpturas, obras recentes de seu primoroso cizel.

Nas paginas do OCCIDENTE, onde outros trabalhos de Fernandes Caldas têm figurado, reunimos hoje mais estes dois primores de esculptura sacra. A simples contemplação d'estas duas esculpturas revelam-nos bem o talento do seu autor, pela expressão e sentimento que elle soube dar ás imagens desses dois grandes vultos do cristianismo, Vicente de Paulo e Francisco de Assis, que verdadeiramente se inflamaram no amor da caridade, a grande virtude que se eleva acima de todas as



J. FERNANDES CALDAS

outras, porque abrange toda a humanidade num grande amplexo de amor.

Juntando aqui á obra de Fernandes Caldas o seu retrato, prestamos singela homenagem ao

artista que se ausenta, sem perdemos a esperança de o abraçar no seu breve regresso á patria.

CAETANO ALBERTO.



## Confrontos Historicos

### Bosquejo

(Continuado do n.º 1216)

Mas a luta era muito desigual e D. Pedro bem o reconheceu, resolvendo manter-se no Porto, em defensiva. Entretanto, se na cidade tinha muitos partidarios, tambem tinha grandes inimigos, como eram os frades.

O odio destes contra os liberaes era a tal ponto que não duvidaram deitar fogo ao convento de S. Francisco, onde se havia aquartelado o batalhão de caçadores 5. Os soldados salvaram-se, e os frades só á generosidade do governo liberal deveram o ser protegidos contra a furia do povo indignado. (1)

Apesar disto, continuaram a conspirar contra D. Pedro, com o que levantaram a animadversão do povo, a ponto que muitos deles retiraram dos conventos e foram para o exercito miguelista, combater os constitucionaes que os haviam guardado da sanha popular.

Uma ou outra vitoria alcançada pelos miguelistas, não desanimava as forças liberaes e ainda menos os seus ministros que absolutamente confiavam na regeneração da patria, não hesitando em decretar leis nesse sentido, as quaes fariam entrar a nação em uma nova fase de progresso e de moralidade. Era, emfim,

(1) *Historia de Portugal*, por uma Sociedade de Homens de Letras.

## Duas Esculpturas de Fernandes Caldas



FRANCISCO DE ASSIS



VICENTE DE PAULA

(Clichés de Emilio Biel)

a *vida nova*, que então, como hoje, se apregoava aos quatro ventos...

D. Pedro, tinha formado o seu governo, como ficou dito, e com ele se instalou no Porto, estabelecendo-se assim a luta entre dois governos constituídos, na mesma nação: o liberal e o absoluto.

Os liberaes sustentavam bem a sua posição no Porto a despeito de todos os esforços que as forças miguelistas faziam para os desalojarem. Em 7 de agosto deu-se o combate de Souto Redondo, em que o conde de Vila Flôr foi com as suas tropas ao encontro dos miguelistas comandados pelo general Povoas. Os liberaes, porém, foram batidos, retirando para o Porto, depois de uma luta heroica, continuando a ocupar o convento da Serra do Pilar.

Outros combates se seguiram sem melhor resultado para as forças do governo absoluto, incluindo o ataque geral que realizaram, em 29 de setembro, dia de S. Miguel, conseguindo entrar por Bomfim, Cativo e Fojo, travando se ali a luta desesperada, terminada pela vitória dos liberaes que retomaram as posições perdidas.

Este revez das tropas miguelistas produziu triste impressão na capital, onde aliás se contava com a vitória, e tão segura, que até se haviam celebrado *Té-Deuns* e prégado sermões em acção de graças.

Outro revez sofreram ainda as forças miguelistas no seu ataque de 14 de outubro, á Serra do Pilar, defendida pelas tropas do general Torres. Ainda outro ataque, no dia 24, comandado pelo visconde de Santa-Marta, não foi melhor sucedido.

Mas se a sorte das armas protegia as forças do Duque do Porto, as dissensões entre o proprio partido liberal manifestavam-se já como as rivalidades entre os generaes. Assim, o Duque do Porto viu-se obrigado a tomar o comando do exercito, até ali confiado ao Conde de Vila Flôr, dando-lhe como premio de consolação o titulo de duque da Terceira e a dotação de cem contos de réis, que seriam pagos pelos bens nacionaes.

Então, como hoje, o amor da patria, não excluía o amor das honrarias e do dinheiro, e este exemplo partindo dos maiores é claro que desmoralisava os pequenos.

E' da condição humana e muito especialmente dos politicos, para os quaes a salvação da patria, serve, em geral, de pretexto, para se salvarem a si, locupletando se á medida de suas ambições.

O duque da Terceira não foi o unico. Na mesma occasião D. Pedro destituiu de ministro da marinha a Mousinho de Albuquerque e nomeava para este lugar, a Bernardo de Sá Nogueira, que foi depois marquês de Sá da Bandeira, esse extraordinario heroe das campanhas liberaes, ao qual no ardo da refrega uma bala lhe mutilou o braço esquerdo que ele assim alça no ar dando vivas á Liberdade!

Sob o novo comando do Duque do Porto continuaram os combates das forças liberaes contra as do governo absoluto, e bastante sangrentos foram os de 14, 18 e 28 de novembro e 17 de dezembro; o primeiro destes feriu-se ao sul do Douro, numa sortida realisada pelos liberaes sob o comando de Schwalbach, destruindo algumas baterias inimigas; em 18, a realisada em S. Cosme tambem foi favoravel aos liberaes; e na de 28 surpreenderam o inimigo na Prelada, Matosinhos, Boa Hora e Padrão da Legua, onde por pouco não aprisionaram o general miguelista Telles Jordão, de triste memoria; a ultima sertida, porém, foi mal sucedida, pois que pretendendo os liberaes destruir o convento de Santo Antonio, tiveram uma retirada infeliz, porque faltando-lhe barcos para melhor a realisarem, muitos morreram afogados no Douro, soffrendo grandes perdas.

Mas enquanto se alcançavam estes triunfos, as rivalidades entre os generaes de D. Pedro, dividiam-nos em partidos, quando tanta união era precisa para bem da causa liberal.

Por isto se vê que as rivalidades e divisões de partidos, principiaram mais cedo entre os liberaes, do que ao presente acontece entre os republicanos. Estes dividem-se, porventura, depois da sua causa ter triunfado; aqueles dividiam-se ainda antes do triunfo.

Haveria, acaso, maiores ambições, e a energia moral e, até física, daqueles homens não lhes soffria dominarem suas aspirações?...

Continuemos nosso bosquejo e vamos encontrar D. Pedro tão embaraçado com as desinteligencias que continuavam nos seus generaes, que esta situação lhe sugeriu a infeliz ideia de contratar um general estrangeiro para comandante em chefe das suas tropas. Escolheu Solignac, general francês, que viera para Portugal com Junot, mas que fôra uma figura apagada no meio do exercito invasor.

A primeira operação que Solignac realisou foi a sortida de 24 de janeiro de 1833, contra o monte Crasto, da Foz, em que os soldados liberaes se portaram com extraordinario valor alcançando vitória, mas perdido esforço foi, porque afinal Solignac abandonou a posição conquistada.

Entretanto, o general Saldanha, que se ausentara por dissensões partidarias, chegava ao Porto e logo tomou o comando de uma columna com a qual se fortificou bem, na Foz. All foi atacado valentemente pelas forças do conde de S. Lourenço, que substituiu o visconde de Santa Marta, mas foram repelidas. O mesmo succedeu no ataque da Serra do Pilar, onde foram repellidos pelo general Torres, não sendo tambem mais felizes no seu ataque, de 24 de março, á posição das Antas, onde o duque da Terceira os derrotou.

A estes constantes combates juntou-se as inclemencias do inverno, fechando a barra do Porto, onde aliás escasseavam completamente os generos alimentícios, assim como as munições de guerra, que não podiam vir de fóra.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO



## Sentimentos ao Babá

Carta aberta ao general Constantino de Brito

E' com magoa profunda que ora escrevo...  
Cortaram-te o cabelo! Que pecado,  
Babásinho galante, doce enlevo!

O teu manto de principe encantado  
Como um esplendido sonho oriental,  
Foi por impia tesoura profanado!

Oh! merece castigo excepcional  
A lamina cruel, devastadora  
Instrumento de um vandalismo tal!

Fiz sempre bom conceito da tesoura  
Que em lindas invenções, obra de artistas,  
Ha sido prestimosa auxiliadora.

E' escrava dos caprichos fantasistas  
Da moda, essa irmã gemea de Protéu  
Capaz de extravagancias nunca vistas...

Mas tambem muitas vezes concorreu  
No ganha pão de simplicis creaturas  
De quem a dura sorte se esqueceu.

E em mansardas pobrissimas, escuras,  
Ao morbido clarão de uma luz baça  
Em noutes de insondaveis amarguras,

Remordendo veludos, chitas, cassa  
Ha visto a femininos corações  
Retalhar a tesoura da Desgraça.

Tem cortado mortalhas de iluzões  
Com suspiros e lagrimas tecidas  
No tear das supremas afflicções...

Talhou sagos e cotas aguerridas,  
Os mantos das rainhas medievas  
E o veu das Magdalenas convertijas.

Mas, nas mãos de Dalila, mãos fataes,  
A' Sansão os cabellos rizou, cerce  
E aniquillou-lhe as forças collossaes...

Não admira que igual furor disperse  
A arma contra ti, proposta a agir.  
Tudo quanto a inclemencia um dia exerce,  
Queda sempre propenso a reincidir.

Remiro com piedade a loura trança  
Auréola de um astro peregrino  
Ao romper da manhã de uma Esperança.

Pedacitos de ceu, todo azulino  
Rasgados em fitilhas de setim  
Prendem esse entrançado de ouro fino.

E sabes, queridinho, eu penso assim.  
Aquella cabecinha intelligente  
Modelo de gracioso cherubim,

Dôce culto inspirava ingenuamente  
E depois esse culto queda exposto  
A' triste realidade do presente...

Toda a melancolia de um sol postô  
Resvalando em altar de pura neve  
A Arte exprime agora no teu rosto.

Emquanto a mim, opino que se deve  
Mover á tesourinha iconoclasta  
Uma rija querella... e muito em breve.

E, como auctoritaria é, e de má casta  
Condemna se á ferrugem implacavel  
Que fêre e mina, e rõe, macúla e gasta.

Perdeste uma riqueza incomparavel  
Pagemsinho da musa da Poesia  
Mas és sempre gentil, sempre adoravel,

Pois n'esse olhar brillante se annuncia  
Que no teu pensamento vão brotar  
Azas brancas de sonho e Fantasia.

Destinadas a altissimo voar  
Nas esferas gloriosas de alveo brilho,  
Mas, afinal, não é para estranhar  
Provir de um pae illustre, illustre filho.

5-7912

ANGELINA VIDAL.



## Viagem á Silésia

A Paulo Martins

(De Bernardino de Saint-Pierre)

Quando voltei da Russia para França, encontrei-me — e bem assim um bom numero de viajantes de diversas nações — installado na mala-posta que vae de Riga a Breslau. Estavamos enfileirados aos pares, sentados em bancos de pau, com as malas aos pés, o céu sobre as nossas cabeças, viajando dia e noite, expostos ás intempéries do tempo e encontrando nas hospedarias da estrada apenas pão negro, aguardente de cevada e café. Tal a fórma por que se viaja na Russia, na Prussia, na Polonia e na mór parte dos paizes nordicos. Depois de ter atravessado, ora florestas de bétulas e abetos, ora campos areentos, entrámos nas montanhas cobertas de faias e carvalhos, que separam a Polonia da Silésia.

Ainda que os meus companheiros de viagem soubessem francez — lingua hoje universal na Europa — falavam muito pouco. Certa manhã — ao romper d'alva — achamo-nos n'uma collina, perto de um castello situado n'um logar encantador. Muitos riachos circulavam através longas avenidas de tilias, formando ilhas luxuriantes de vergeis no meio de campos. Ao longe — até onde a vista podia espriar-se — viam-se os bonitos campos da Silésia, cheios de searas, aldeias e retiros de recreio banhados pelo Oder que as atravessava como uma fita de prata e azul.

— Que esplendido panorama! — exclamou um pintor italiano que ia para Dresde. — Parece-me vêr o Milanez.

Um astrónomo da Academia de Berlim começou a dizer:

— Que bellas planicies! Poder-se-hia traçar allí uma grande base e por campanario, ter uma boa sequencia de triangulos.

Um barão austriaco — sorrindo desdenhosamente — respondeu ao geometra:

— Fique sabendo que esta terra é uma das mais nobres da Allemanha; todos os campanarios que vê lá em baixo lhe pertencem.

— Sendo assim — tornou um commerciante suizo — todos os habitantes são seus vassallos. Po bre paiz!

Um official de hussares, prussiano, que fumava cachimbo, tirou o gravemente da bôcca para dizer com serenidade:

— Todos aqui acceitam unicamente o rei da Prussia. Livrou os silésianos do jugo austriaco e dos seus nobres. Recordo-me de ter aqui acampado ha uns quatro annos. Que bellos campos para se ferir uma batalha! Estabeleceria a casa de arrecadação no castello e asstaria a artilharia nos seus terraços. A margem do rio guardar-se-hia pela infantaria, e a cavallaria seria distribuida pelas faldas, e com trinta mil homens esperaria aqui todas as forças do Imperio. Viva Frederico!

Apenas retomou o cachimbo, um official russo tomou a palavra para dizer:

— Não gostava de viver n'um paiz como a Si-

lésia, aberto a todos os exercitos. Os nossos cosacos rechaçaram-na na ultima guerra e, sem as nossas tropas regulares que os sustiveram, não deixavam de pé uma cabana! Agora ainda está peor. Os burguezes podem queixar-se contra os senhores. Os proprios burguezes têm os maiores privilegios concedidos pelos seus municipios. Prefiro as proximidades de Moscou.

Um moço estudante de Leipzig respondeu aos dois officiaes:

— Senhores, como podem falar em guerras n'um sitio tão encantador?! Permittam que lhes diga que o proprio nome de Silésia vem de *campi Elysii* — campos Elysios — E' melhor dizer com Virgilio:

..... Lycori;  
..... Hic ipso tecum consumerer aevo.

— Ah Lycori! é aqui que contigo queria ser dissolvido pelo tempo!

Ao ouvir estas palavras, pronunciadas com calor, uma amavel modista de Paris, e que o aborrecimento da viagem adormecêra, acordou e, ao vêr tão magnificente paysagem, exclamou por sua vez:

— Oh! mas que delicioso paiz! Só lhe faltam francezes! Por que suspira? — perguntou, dirigindo-se a um judeu que estava ao seu lado.

— Ora vejam — falou o doutor judeu — como esta montanha com o seu pico faz lembrar o monte Sinai.

Todos desataram a rir. Um velho padre lutherano d'Erfurt, em Saxe, franziu o sobreceño e exclamou encolerizado:

— A Silésia é uma terra maldita, porque a verdade foi banida de lá. Vive sob a tutela do papismo. Verão, á entrada de Breslau, o palacio dos antigos duques da Silésia transformado hoje em collegio de jesuitas, ainda que repellidos de toda a Europa.

(Continúa.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

## ○ Amor

POR

Paulo Mantegazza

Com este volume é o 14.<sup>o</sup> das obras d'esse celebre psychologo optimista que, em vida, se dedicou a esse trabalho com um zelo que muito honra a sua memoria.

*O Amor* (Problemas moraes e sociaes e que baptisou de Paralipómenos) é o quarto livro sobre amor, de Paulo Mantegazza e que — suppomos — é o ultimo da série, embora se annuncie tambem já *As tres graças* (amores platonicos).

Esses livros péccam porque nem todos os que os lêem lhes ligam a importância que justo é que se lhes ligue visto que, optimista como é, vê tudo côr de rosa e é muito cordeal e sincero na sua maneira de descrever o assumpto em que é mestre physio psychologo.

Todo o livro — pelo assumpto a que se refere — é digno de leitura; embora não seja romance, é um poema em prosa onde esse delicado sentimento é elevado a um grau de adoração que encanta. Dividido em 10 capitulos: *A casuística do amor*; *Os pecados do amor e as suas origens*; *As transacções de consciencia em materia de amor*; *Os mistérios e os paradoxos do amor*; *Os circulos concéntricos do amor feminino*; *O balanço social do amor*; *Um inquerito acerca do amor ideal no futuro*; *A literatura dos povos analfabetos*; *As palavras de amor no dicionário italiano* e *As palavras de amor em algumas línguas americanas*.

Casto, na mais ampla accepção do termo, este livro de Mantegazza sem ser romance — repetimos — pôde muito bem ser lido por uma donzella e para asseverar a verdade d'esta nossa indicação basta transcrever aqui um trecho do capitulo X:

.....  
«O amor deve ter na sua lira todas as cordas; e, se o ardor da paixão recorre aos superlativos, a ternura não pôde servir-se senão dos diminutivos. Diminutivos tomados do dicionário e fóra d'êle, fabricados segundo as normas sapientissimas dadas por Tommasco no seu *Dizionario dei sinonimi*, ou inventados na occasião pela fantasia dos amantes. Diminutivos formados contra as

regras da gramática, diminutivos singulares, que tomam não só os substantivos, e sobretudo os no mes das pessoas, mas até os adjectivos, os verbos e os adverbios, e que param sómente, por absoluta impossibilidade da linguagem, nas preposições e nas conjunções...

«Muitas vezes, nos outros meus trabalhos de psychologia, chamei a atenção para o valor dos objectos pequenissimos e para as emoções que nos proporcionam as coisas pelo só facto da sua pequenez, e não quero agora repetir-me. Direi apenas que nunca, como no amor, na fase expansiva, sentimos a necessidade de abraçar a pessoa amada não só com os braços com os lábios e com o corpo todo, mas até com o pensamento, com as palavras e com toda a alma; de modo que de duas criaturas não se faça senão uma só. Ora, tornando mais pequena a criatura adorada, sentimo-la mais nossa do que nunca, e esta formula gráfica do amor, se assim me posso exprimir, representa fielmente e eloquentemente a sua natureza.

«O homem possui; e, quanto mais pequeno é o objecto, mais o abraça, o absorve e o faz seu.

«E a mulhier que amorosamente é possuída, sente se feliz de ser pequenissima e de ser abraçada e estreitada por uma criatura maior, mais elevada, perdendo-se a si mesma para se tornar em outro êle.....»

Feita esta transcripção resta-nos dizer que a traducção do sr. Arlindo Varella é correctá e, pelo trecho que se transcreveu, se vê que não é lisonja a nossa asserção.

Aos srs. Santos & Vieira, editores de *O Amor*, de Mantegazza, agradecemos a dupla e amavel offerta com que nos distinguui.

XXVI VII-CHXII.

RUY D'ABOIM.

## A mais rapida navegação para a America do Sul

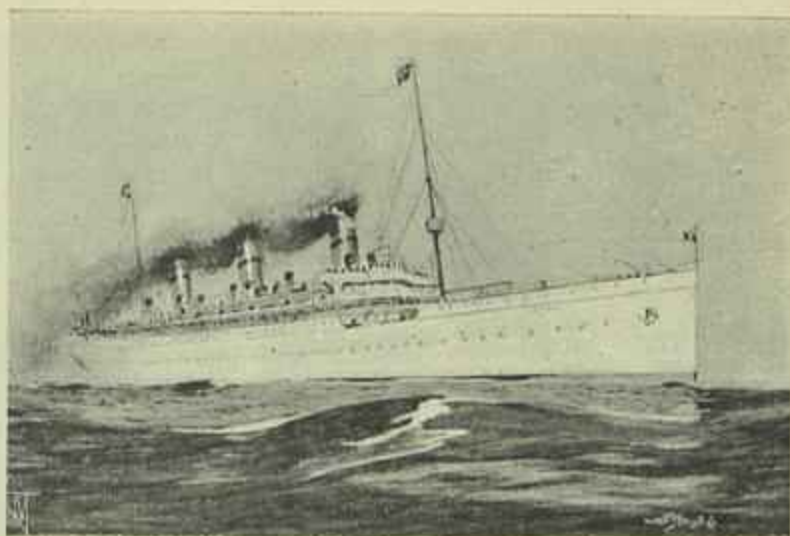
Muitas surpresas nos reserva o progresso que se está realisando nas carreiras transatlanticas na ancía de vencer as grandes distancias que separam os continentes europeus dos continentes americanos.

De Lisboa, por exemplo, até ao Rio de Janeiro já haviam vapores que reduziam a viagem a uns treze dias. Agora essa viagem pôde fazer-se por alguns dos vapores da *Compagnie de Navigation Sud-Atlantique*, em dez dias e meio!

Desta companhia esteve, pela primeira vez, no porto de Lisboa, um dos seus maiores transatlanticos o *Burdigala*, que realisa essa maravilhosa viagem, pois sabindo do Tejo no dia 9 deve chegar ao Rio de Janeiro no dia 18 e a Buenos Aires no dia 21.

O *Burdigala* é um belo navio de magnificas e até luxuosas acomodações para passageiros, como as dos melhores transatlanticos que fazem as travessias dos mares. A sua lotação é de 12:480 toneladas, mede 183<sup>m</sup>.25 de comprimento por 19<sup>m</sup>.50 de largura. As suas potentes maquinas e construção permitem-lhes o andamento de 21 milhas.

Este vapor faz parte da frota de que a Companhia dispõe, composta de mais os seguintes navios: *La Bretagne*, de 7:200 toneladas; *Divona*, de 6:600 toneladas; *La Gascoigne*, de 7:200 toneladas, para as carreiras postaes; *Garunna*, de 5:531 toneladas; *Liger*, igualmente de 5:531 toneladas; *Somara*, de 5:951 toneladas; e *Seguana*, de 5:443 toneladas, para as carreiras commerciaes. Caso alguma companhia queira competir com a Sud-Atlantique em comodidades e velocidade, esta comprometeu-se a que os novos barcos em construção, *Galia* e *Lutetia*, de 14:400 toneladas, com 165 metros de comprimento por 19<sup>m</sup>.50 de



O NOVO TRANSANTLANTICO «BURDIGALA»

largura cada um, com tres helices o primeiro e com quatro o segundo, tenha a velocidade média de 21 milhas á hora, nas carreiras entre Lisboa e Buenos Aires.

Esta carreira de vapores vem provar praticamente as vantagens do porto de Lisboa, preferivel a todos os mais para desembarque na Europa, pois que desembarcando aqui os passageiros que se dirigem a Paris, onde o *Sud-Express* os conduz em 36 horas, eles realizarão a sua viagem á capital do mundo em 12 dias, sendo dez dias e meio por mar e um e meio por terra, para os que veem do Rio de Janeiro, e 15 dias, sendo treze e meio por mar e um e meio por terra, para os que veem de Buenos Aires.

Tudo isto são indicações positivas do grande futuro do porto de Lisboa, tanto maior com a abertura do Canal de Panamá, em 1915.

## O MEZ METEOROLOGICO

Setembro de 1912

Barometro — Max. altura 765<sup>mm</sup>.8 em 8 e 28.

Min. altura 759<sup>mm</sup>.2 em 24.

Temperatura — Max. altura 33<sup>o</sup>.9 em 5.

Min. altura 14<sup>o</sup>.3 em 23 e 29.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 11 dias.

Ceu nublado 17 dias.

Ceu encoberto 2 dias.

Chuva — 30<sup>mm</sup>.2 em 8 dias, sendo a altura pluviometrica em 27, de 19<sup>mm</sup>.3, com trovões.

Horas de sol — 222 horas e 23 minutos.

Nevoeiro — Em 12 e 21.

Relampagos — Em 14.

Trovões — Em 21.

A tal perfeição está chegando a construcção das machinas fotograficas, que dentro em breve já se poderá tirar o retrato do diabo emquanto ele esfrega um olho.

## PELOS TEATROS

A abertura dos teatros annuncia o inverno que se avizinha. Começa a animar-se a vida em Lisboa... mas fraca animação: pouca elegancia e pouco dinheiro.

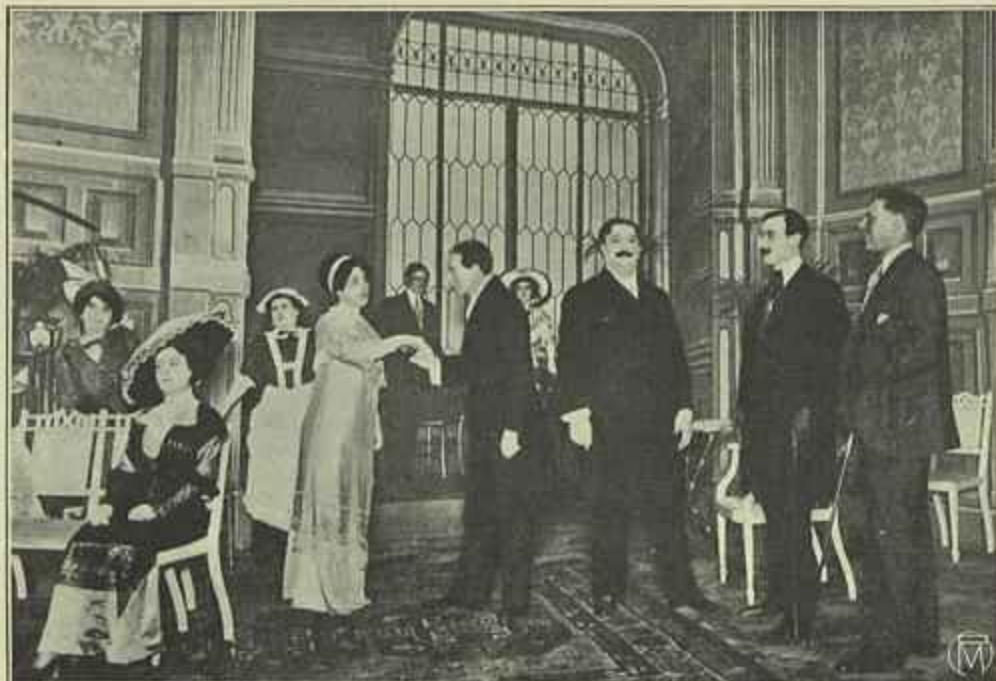
As casas de espectáculo têm a sua clientela, excepção feita para S. Carlos, cujos *dilettanti* parece terem desaparecido com o passado regimen.

Eu pergunto a mim proprio se o bom gôsto teria sido banido da nossa sociedade.

Emilio Faguet não teria difficuldade em provar que êle é anti-democrático.

## Ginásio

O Ginásio abriu com uma comédia alemã, traduzida ou adaptada por Freitas Branco.



TEATRO DO GINASIO

A «RATOEIRA»

O falecido tradutor que tantas destas comédias trouxe à scena portuguesa não foi muito infeliz na escôlha desta que está bem delineada, pecando unicamente por uma negligencia de linguagem que se nota por vezes nas suas obras.

Poucos dos actores antigos se conservam no teatro.

Apênas Telmo, Cardoso, Alegirim e Aida Aguiar que já ha tempos all representara.

Grandes modificações soffreu o teatro quer na sala, quer no palco.



TEATRO DA TRINDADE — «A DAMA RÔXA»

Causou-nos logo estranheza o mobiliário nôvo que veio substituir os clássicos moveis do Ginásio, aquêles típicos interiores de casas burguezas e as mobílias austeras de casas ricas. Com o mobiliário nôvo appareceram tambem os trajes das actrices que apresentam uma nota de modernismo que diz bem com a mobilia, o que prova que este teatro acompanha o progresso.

Alguns actores novos cuja arte se conserva occulta pelo menos nesta representação e que se vão suportando à sombra dos mestres.

### Trindade

A Trindade, em que se encontra uma companhia de operêta organizada por Gomes & Grijó, fez subir à scena uma operêta alemã intitulada *Dama Rôxa*, de Wintemberg Deutrich é muito interessante e animada e a musica tem pedaços inspirados e de agradável audição.

Os principaes papeis são desempenhados por Elsi Robini e Inácio Genovês que possuindo boa voz e sabendo cantar são deploraveis como actores. Outros novos all estão que não conseguem dar à peça um desempenho cabal.

O OCCIDENTE insere hoje gravuras das scenas mais interessantes destas peças.

A. N.

## Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1913

A sahir brevemente

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



RUA DA EMENDA, 118, 1.º, à praça Luiz de Camões — LISBOA

A. COUTO

Alfaiate

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier — Rua da Emenda, 118, 1.º — 4.ª quina do Loreto. Este atelier está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ÚLTIMAS NOVIDADES DE PARIS E LONDRES.

### PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Único legalmente autorisado pelos governos e autoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

### Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com lettras a ouro,  
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,  
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200